



# Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

NESTA EDIÇÃO: 1) As recentes modificações nas expectativas econômicas;  
2) As mulheres e o mercado de trabalho.

## Relativa estabilização nas expectativas de mercado

*As expectativas apuradas pelo mercado financeiro para o ano de 2009, que vinham apresentando contínua deterioração nos primeiros meses do ano, passam a mostrar relativa estabilidade. As exceções são a produção e o PIB industrial, índices cujas projeções para o ano vêm apresentando contínua revisão para baixo.*

*Vislumbra-se para o Brasil uma situação favorável em relação aos países desenvolvidos, que devem sofrer pronunciada contração econômica e apresentar um quadro de forte endividamento nos próximos anos.*

## A evolução recente das expectativas para a economia brasileira

O Banco Central do Brasil sistematicamente apura as expectativas do mercado financeiro quanto ao comportamento futuro de diversas variáveis macroeconômicas, fornecendo uma indicação quanto à evolução dos efeitos da crise sobre o País.

As pesquisas efetuadas até a última sexta-feira, 19 de junho, apontam que, do ponto de vista fiscal, as expectativas para a relação dívida/PIB ao final de 2009 encontram-se em 39,8%, basicamente no mesmo patamar daquele existente antes do início da crise. Essa manutenção do índice ocorreu apesar da redução do superávit primário esperado para 2009, de 4,0% para 2,5% do PIB.

### **Expediente**

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 17. Quinta-feira, 25 de junho de 2009.

Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador), Aurélio Guimarães Cruvinel e Palos e Marcos Pineschi Teixeira.

*O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.*

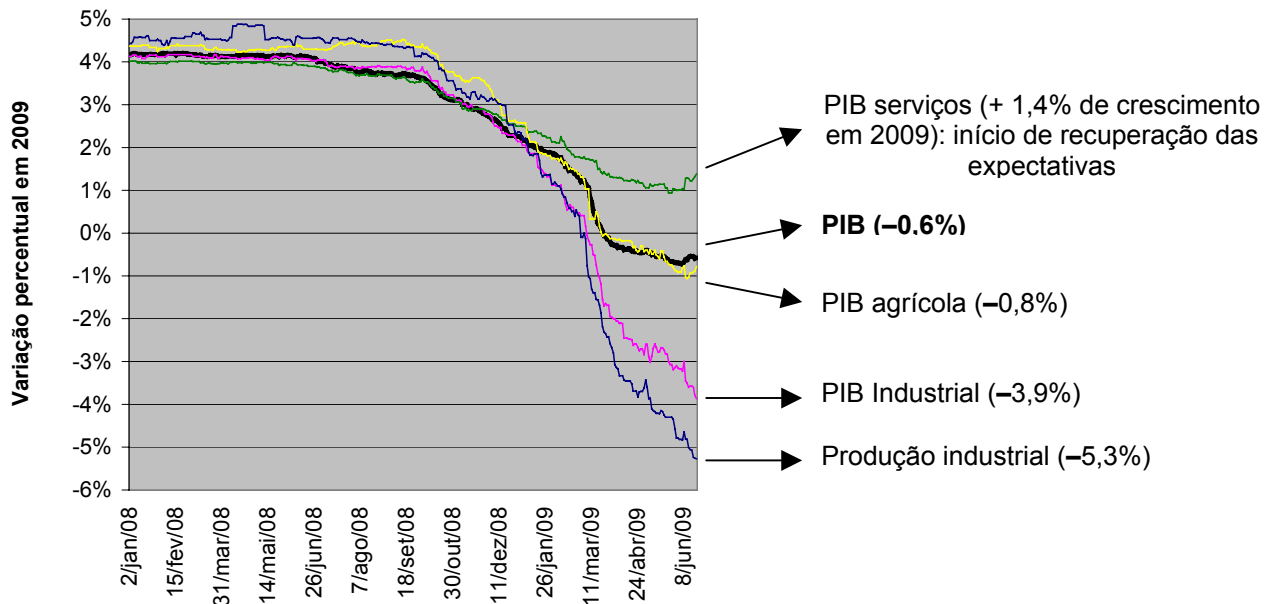
No setor externo a deterioração de expectativas referentes ao total exportado foi interrompida no início de abril, momento a partir do qual as projeções mantiveram-se estáveis. Por outro lado, houve redução nas expectativas das importações, melhorando assim as estimativas para as transações correntes. Infelizmente, o patamar esperado das exportações neste ano, embora estabilizado em cerca de US\$ 153 bilhões, é significativamente inferior ao obtido em 2008, de US\$ 198 bilhões, representando uma das grandes fontes de contaminação da economia brasileira pela crise internacional.

Com efeito, ao final de setembro de 2008 esperava-se um déficit em transações correntes da ordem de US\$ 35 bilhões em 2009, ao passo que hoje essa expectativa caiu para US\$ 16,5 bilhões, uma melhora de US\$ 18,5 bilhões. Em contrapartida, pioraram as expectativas referentes ao fluxo de investimentos estrangeiros diretos para o Brasil, de US\$ 30 bilhões para US\$ 24 bilhões, uma redução de 6 bilhões. Espera-se, pois, uma maior facilidade no financiamento do balanço de pagamentos.

No que tange ao produto interno bruto, as expectativas estavam em declínio até 5 de junho, quando houve uma leve recuperação, de forma que atualmente se aponta para uma variação de -0,6% em 2009. Contudo, o PIB industrial esperado continua em queda, sendo projetada variação de -3,9%, compensada pela recente melhora do PIB agrícola e de serviços, o setor menos prejudicado pela crise. Já as expectativas para a produção industrial, índice que se refere à pesquisa mensal realizada pelo IBGE, mais restrita e com ponderações diferentes daquelas utilizadas para o PIB industrial, indicam retração da ordem de 5,3% para 2009.

No entanto, é importante destacar a melhora quanto ao comportamento de outros indicadores. No final de setembro passado esperava-se que o ano de 2009 se encerrasse com inflação de 4,85%, câmbio de 1,78 R\$/US\$ e taxa Selic de 13,75%. Hoje se espera, ao final de 2009, inflação menor, de 4,4%, câmbio mais depreciado, de 2,0 R\$/US\$, e taxa Selic de 8,75%.

### Evolução das expectativas para a produção industrial e PIB de 2009



Para os anos subsequentes, as previsões referentes ao PIB praticamente não mostraram alteração com o advento da crise: no primeiro semestre de 2008, as projeções de crescimento para a economia brasileira foram de 4,1% para os anos de 2010 e de 2011. Atualmente, esses números são de 3,5% de crescimento em 2010, e de 4,0%, em 2011.

Apesar dos impactos francamente negativos para o país, o advento da crise resultou em significativa economia de recursos destinados ao pagamento dos juros da dívida pública, conforme discutido no boletim anterior.

A combinação de fatores como inflação e juros em patamares reduzidos, cotações cambiais em níveis ligeiramente depreciados em relação ao período pré-crise, e uma relação dívida/PIB declinante a partir de 2010, chegando, conforme as expectativas, a apenas 32,8% do PIB em 2013, poderá levar o País a uma situação favorável, particularmente se comparado aos países desenvolvidos, que enfrentam pesado endividamento. A revista *The Economist* aponta que os dez países mais ricos do mundo elevarão sua dívida pública de 78% do PIB em 2007 para 114% do PIB em 2014.

## Mercado de trabalho: mulheres substituíram homens?

*Entre outubro de 2008 e maio de 2009, o CAGED registrou destruição de 454.355 postos de trabalho. Para as trabalhadoras, no entanto, o saldo no período foi positivo, com 56.021 postos criados.*

*À primeira vista, seriam duas as conclusões naturais: (i) as mulheres teriam sido poupadas; (ii) parte dos empregos antes ocupados por homens teriam sido ocupados por mulheres.*

*Mas uma análise mais detalhada dos dados sugere que isso pode não ter ocorrido, sendo o “fenômeno” decorrente da excessiva setorialização por gênero do mercado de trabalho.*

O Ministério do Trabalho e Emprego divulgou, nesta semana, novos números do CAGED. Foi registrado aumento de 131.557 postos de trabalho em maio, o melhor desempenho mensal desde o início da crise – no acumulado do ano, foram criados 180.011 novos postos. No entanto, considerando a evolução desde o início da crise, em outubro de 2008, foram desligados 454.355 empregados a mais que os admitidos. No corte por gênero, 510.376 vagas ocupadas por homens foram destruídas no mesmo período. Portanto, o saldo de novos postos ocupados por mulheres fechou positivo em 56.021.

Com a crise, os empresários passaram a reduzir custos por meio de cortes na folha de pagamentos. Aparentemente, a avaliação era – e ainda é – de que se fazia necessário adequar a estrutura de produção e recompor a produtividade das empresas, o que vinha ocorrendo antes mesmo que a recessão se confirmasse.

Analisando os dados agregados, percebe-se que o emprego feminino não só demorou mais a cair como iniciou antes sua recuperação. Para os homens, registrou-se o primeiro saldo negativo em novembro; para as mulheres, em dezembro de 2008. Para os homens, o primeiro saldo positivo ocorreu em março; para as mulheres, em fevereiro de 2009.

Por que isso?

As mulheres, apesar da maior escolaridade média, possuem rendimento médio inferior ao dos homens – dois fatores que se correlacionam positivamente com a produtividade, entendida como a razão entre produto e custo. Portanto, seria razoável supor que uma distorção estrutural do mercado de trabalho favoreceu a empregabilidade feminina, a ponto de, passados alguns meses da crise, as empresas terem substituído homens por mulheres.

Contudo, uma análise mais detalhada dos números parece indicar outra direção.

O setor industrial foi o mais afetado pela crise. Na indústria de transformação, onde a grande maioria dos postos de trabalho é ocupada por

homens, houve redução de 491.777 empregos formais desde outubro de 2008, sendo que homens ocupavam mais de 80% desses postos perdidos.

Por outro lado, os setores de comércio e de serviços, cujos mercados de trabalho contam com maciça participação feminina, vêm resistindo bravamente aos efeitos da crise, tendo registrado aumento de empregos formais no período, com saldos de, respectivamente, 66.884 e 170.868. Desses novos postos, mais de três quartos foram ocupados por mulheres.

Uma vez que a crise afetou de maneira diversa os diferentes setores econômicos, seus reflexos no mercado de trabalho de cada setor foram distintos. Assim, em termos agregados, não é possível confirmar a hipótese de substituição de homens por mulheres. Aparentemente, as divergências entre evoluções do emprego masculino e feminino deram-se por questões meramente conjunturais – associadas, é claro, à excessiva setorialização por gênero no mercado de trabalho.

Desagregando os números ao nível de setores e subsetores, entretanto, a hipótese de substituição não deve ser descartada. Não é razoável supor que empresas de um mesmo setor, expostas a condições econômicas semelhantes, adotem políticas de contratação e demissão muito diferentes. Entre outubro de 2008 e maio de 2009, verificou-se substituição parcial de homens por mulheres nos seguintes setores:

- indústria de transformação, especificamente no subsetor de borracha, fumo e couros, com a diminuição de 10.858 postos masculinos e o incremento de 1.271 empregos ocupados por mulheres;
- serviços de utilidade pública, com a redução de 467 empregos ocupados por homens e o aumento de 691 postos femininos;
- construção civil, com a destruição de 47.574 postos masculinos e a criação de 5.644 empregos ocupados por mulheres; e
- serviços, especificamente no subsetor de instituições financeiras, com a diminuição de 1.488 postos masculinos e o incremento de 125 empregos ocupados por mulheres.

Nunca é demais lembrar que o CAGED abrange somente o mercado formal. Logo, exclui-se de nossa análise parcela significativa dos trabalhadores, principalmente em tempos de crise, quando se pode esperar alguma precarização das condições de trabalho. Além disso, crise e recessão são processos ainda em curso, cujos desdobramentos não são plenamente conhecidos. Portanto, não há garantias de que o desemprego não venha, em futuro próximo, a atingir mais fortemente os setores tradicionalmente ocupados por mulheres.